



Serviço Social e a população negra: a encruzilhada

Organizadores

**Angela Ernestina Cardoso de Brito
Henrique Cunha Júnior**

**Serviço Social e a população
negra: a encruzilhada**

Montes Claros
EDITORIA CAMINHOS ILUMINADOS
2015

Editora Caminhos Iluminados
Rua Pau Brasil, nº 50, Planalto II
CEP 39404-662 - Montes Claros (MG)
E-mail: mariarmendes@ig.com.br
Fone: (38) 9102-0024

Apoio Cultural
Pró-Reitoria de Ensino da Unimontes

Impressão e Montagem
Imprensa Universitária da Unimontes

Revisão Linguística
Responsabilidade dos autores dos artigos apresentados

Diagramação e Editoração Gráfica
Maria Rodrigues Mendes

Arte da Capa
Fábio Francé

Serviço social e a população negra: a encruzilhada / organização:
Angela Ernestina Cardoso de Brito, Henrique Cunha Júnior. –
Montes Claros : Caminhos Iluminados, 2015.
138 p. : il. ; 15 x 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-68372-13-5

1. Serviço Social. 2. População negra. 3. Ciências humanas. 3. I.
Brito, Angela Ernestina Cardoso de. II. Cunha Júnior, Henrique.

CDD 300

APOIO CULTURAL



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
INTRODUÇÃO.....	11
SERVIÇO SOCIAL E POPULAÇÃO NEGRA: CONCEITOS PARA UMA ANÁLISE ESTRUTURAL DO RACISMO ANTINEGRO Henrique Cunha Junior.....	15
A POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E A QUESTÃO RACIAL: PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA DA CIDADE DE MONTES CLAROS-MG Sara Veloso Rodrigues; Ângela Ernestina Cardoso de Brito.....	37
A TRAJETÓRIA POLÍTICA DA JUVENTUDE NEGRA BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 14 ANOS DO SÉCULO XXI Juliano Gonçalves Pereira.....	63
MULHERES NEGRAS, ENSINO SUPERIOR E O PARADIGMA DO RASCISMO Ângela Ernestina Cardoso de Brito; Emanuella Marques Gomes.....	93

COR E RAÇA: SELETIVIDADE NAS CARREIRAS
UNIVERSITÁRIAS NA UNIVERSIDADE ESTADUAL
DE MONTES CLAROS

Bárbara T. Sepúlveda Barros.....117



PREFÁCIO

População negra faz parte da história social brasileira como sub grupo social subalternizado e submetido as processos de dominação que geraram um problema inequívoco na sociedade brasileira de desigualdade social. Na sua origem são populações de descendentes de africanos que passaram pelo processo de escravismo criminoso e sofreram no capitalismo de desqualificação social sistemática para a sociedade industrial e de racismo anti negro. Racismo pensado como um sistema político de dominação e obtenção sistemática de privilégios sociais para o grupo dominante de origem europeia. População negra que faz parte do grupo humano designado do ponto de vista dos censos demográficos como pretos e pardos e que compõe a maioria da população brasileira. Sendo o grupo social que apresenta os maiores índices de pobreza e é afetada pelas piores condições de vida. Índices marcantes que refletem entre outras realidades sociais a da ausência total ou parcial de assistência social especificam como problema que tem cara e forma própria e que se insere nas lutas de classe brasileiras com conteúdos distintos das lutas de classes europeias ou de outras localidades devido o traçado da nossa historia social, onde o trabalho foi marcado como pro-

fissão de negros históricos e o mando dominador com execução e acumulação de brancos históricos.

População negra e as relações sociais com as populações brancas é um campo de disputa política, se encaixa hoje no terreno das ciências humanas brasileiras com área de conflitos epistêmicos, conceituas e metodológicos. Gera um quadro de muitos desafios a serem ultrapassados e considerado pelos diversos ramos de especialidades científicas. A problemática principal é fomentada pelo forma eurocêntrica, a acrítica dos eurocentrismos, que em se desenvolveram as ciências humanas no Brasil, estas pensadas como ciências universalistas. Dentro do eurocentrismo e da dominação ocidental eliminaram-se os campos de expressão científica de africanos e afrodescendentes, sendo que a ideia de universalidade das ciências encobre uma forma ideológica colonialista e por vezes racista de se pensar a humanidade e os diversos grupos sociais dentro dela. Neste sentido pensar na sociedade brasileira a população negra e a sua relação com o serviço é o propósito do livro que aqui prefacio. Trata-se de um problema que a ciência brasileira esta enfrentando de maneira tímida e relutante que é o estudo das populações negras. Portanto este livro faz parte de um conjunto de trabalhos pioneiros no qual o leitor poderá encontrar o desenvolvimento de uma temática atual e sobre a nossa realidade social e sobre o campo de pesquisa área de sérico social.

Existe ainda muita polemica sobre a existência

de racismos anti negro na sociedade brasileira, qual a sua gravidade e seus impactos sociais do ponto de vista das áreas da pesquisa científica. Entretanto os movimentos sociais da população negra são constituídos no início do século passado e realizaram amplo espectro de denúncias e lutas sociais para tentativa da obtenção de direitos sociais e políticas públicas para a população negra. A existência de tais movimentos sociais é um indicador da presença de problemas e reivindicações específica que deveria induzir preocupações das áreas de pesquisa acadêmica, no entanto, estes processo caminha lentamente. O presente livro é um marco de ruptura e de avanço nos trabalhos de ciência humanas e do serviço social que compõe um quadro recente do aparecimento de pesquisadores negros trabalhado com os temas de interesse desta população.

Este livro é uma coletânea de artigos versando sobre aspectos diversos dos temas das relações sociais da população negra relativo ao campo do conhecimento do serviço social. Todos os artigos refletem uma cuidadosa pesquisa acadêmica em curso e a emergência de novas proposituras de solução para os problemas sociais que afetam de modo particular a população negra. O trabalho no seu conjunto possui o encanto da inovação no trato das questões sociais e a importância de apresentar novos enfoques sobre as invisibilidades sociais da população e da cultura negra e também sobre os caminhos pelos quais se cons-

tituem as soluções. Estou certo que os leitores iram encontrar neste livro muitas informações e formulações para interpretação da sociedade brasileira e das relações sociais entre as populações denominadas historicamente como negras e brancas. Assim é recomendado uma leitura e ampla reflexão sobre os temas tratados.

Henrique Cunha Junior

Professor Titular da Universidade Federal do Ceará.
Membro do programa de pós-graduação em Educação.
Membro Fundador da Associação Brasileira de
Pesquisadores Negros.



INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as relações raciais no Brasil têm se desenvolvido de forma efetiva nas últimas décadas. Sem qualquer possibilidade de erro, podemos afirmar que a literatura da área já superou, em muito, os paradigmas racistas que fecundaram muito do que se escreveu sobre os negros e negras e a negritude brasileira até boa parte da década de 1960. Esses escritos, alguns dos quais feitos sob a égide das “boas intenções”, produzidos, por exemplo, por médicos e advogados, reafirmavam, de uma forma ou de outra, a inferioridade da população negra, inferioridade essa manifesta no seu suposto corpo doentio e no seu intelecto inferior. A sua cultura era lida como incivilizada, o que dava sustentação a práticas recorrentes de perseguição, por exemplo, do candomblé e da capoeira. Mesmo atividades, como as Congadas, que incorporaram traços das festividades brancas-cristãs, têm estado sujeitas a formas de intervenção clerical e governamental que desqualificam os seus componentes de origem africana.

Uma guinada substantiva nessa tendência vai ter início na década de 1970 quando pesquisadores como Carlos Halzenbagdestacam as relações entre os baixos indicadores sociais da população negra com a po-

breza e o racismo. Diferenciando-se de estudiosos como Fernando Henrique Cardoso, ele refuta a hipótese de que as diferenças entre brancos e negros é exclusivamente de natureza econômica. Além disso, afasta-se da hipótese de que tais diferenças poderiam gradativamente ser desconstruídas unicamente através do uso de mecanismos redistributivos. Essa linha de análise, assim, coloca o racismo, como prática fortemente enraizada na sociedade brasileira, no centro das reflexões sobre uma série de fenômenos (notadamente os indicadores sociais mais baixos da população negra em áreas como educação, saúde, emprego e renda etc.) ligados às questões raciais. O racismo, já reconhecido por pesquisadores de gerações anteriores, é movido da periferia para o centro das reflexões.

Essa guinada paradigmática, vale reafirmar, foi extremamente produtiva. Diversos campos disciplinares a acolheram dando seguimento à produção de estudos críticos sobre as questões raciais no Brasil, ao mesmo tempo em que passavam a abordar temas os mais diversificados. Os influxos analíticos trazidos pelo debate sobre interseccionalidade deram ainda mais vigor e consistência aos trabalhos produzidos, principalmente àqueles que associavam gênero e sexualidade.

Todos esses avanços, infelizmente, não incidiram de forma mais ou menos igual em todos os campos disciplinares das ciências sociais e humanas. É o caso do Serviço Social.

Essa é uma disciplina com algumas peculiaridades que, a princípio, supostamente, a tornaria extremamente fértil para a reflexão sobre relações raciais. De um lado, pela significativa presença de negras (geralmente advindos de setores mais pobres da população) em seu quadro docente. De outro, pelo fato de que a população com a qual atua ser majoritariamente negra. Essa conjunção, pensou-se, comporia um cenário no qual poderia florescer uma vasta gama de estudos sobre o modo como raça modela aspectos conjunturais e estruturais da vida humana na sociedade brasileira. Não foi o que aconteceu.

Possivelmente devido à influência de traços da tradição marxista, a questão racial por muitos anos permaneceu como tema um tema marginal, visto como pouco relevante dentro dos círculos acadêmicos do Serviço Social. Embora também padecessem desse mesmo tipo de avaliação negativa, os estudos sobre mulheres já na década de 1980 começavam a ganhar corpo. Os estudos sobre relações raciais tiveram que esperar muito mais tempo antes de florescerem e ainda são escassos conforme observado por diferentes estudos.

É nesse contexto que o livro organizado pelos professores Ângela Ernestina de Britto e Henrique Cunha ganha relevância. Primeiro, por tratar de temas essenciais à profissão de assistente social. Sublinho aqui o trabalho denominado “A Política Nacional de Assistência Social e a Questão Racial”, que se debru-

ça sobre uma questão candente no debate sobre a política de assistência social: quem é o seu usuário do ponto de vista racial? Essa não é uma questão menor. Ao contrário, ela pode nos ajudar a melhor entender as dinâmicas e formas de pobreza que se apresentam ao profissional de Serviço Social e, principalmente, contribuir para orientar a sua prática em direção a patamares éticos os mais elevados. Segundo, por trazer temas de interesse de assistentes sociais e outros profissionais, assim como por criar um espaço no qual os primeiros possam veicular as suas reflexões acadêmicas. Por essas e tantas outras razões, o livro aqui prefaciado, sem dúvida merece ser lido.

João Bosco Hora Góis

Doutor em Serviço Social pela PUC-SP/Boston College (1999), pós-doutor pela UFRJ, professor Associado da UFF e Pesquisador 1C do CNPq. Têm artigos publicados em revistas especializadas, nacionais e internacionais.